

Orações relativas na perspectiva do ensino de português como língua estrangeira

Relative clauses from the perspective of teaching Portuguese as a foreign language

Xu Yixing

Universidade de Estudos Internacionais de Xangai
catarinaxu@shisu.edu.cn
ORCID: 0000-0002-9239-9199

RESUMO

No caso do ensino de orações relativas em português, é comum os aprendentes chineses cometerem erros por causa das diferenças entre as duas línguas. Com a análise contrastiva compara-se esta noção nas duas línguas, com incidência na de chinês.

Para evitar ou corrigir os erros, recomenda-se a utilização da análise de erros, com classificação dos tipos de erros e a eventual análise das razões que os causam, baseando-se no conhecimento das diferenças entre as duas línguas e na existência da interferência da língua materna e também da língua inglesa dos aprendentes, a fim de alcançarmos um resultado mais efetivo do ensino.

PALAVRAS-CHAVE

Orações relativas, português, chinês, análise de erros.

ABSTRACT

When relative clauses in Portuguese are being taught, it is common for Chinese learners to make mistakes because of the differences between the two languages. Using contrastive analysis, this notion is compared in both languages, with an emphasis on Chinese.

To avoid or correct these errors, the use of error analysis is recommended, with classification of the types of errors and the eventual analysis of the reasons that cause them. This should be based on the operational differences between the two languages as well as the existence of interference from both the mother tongue and from the learners' acquisition of English, in order to teach this component more effectively.

KEYWORDS

Relative clauses, Portuguese, Chinese, error analysis.

Introdução

Os pronomes relativos “são assim chamados porque se referem, em regra geral, a um termo anterior – o ANTECEDENTE” (Cunha & Cintra, 2005, p. 342). E os pronomes relativos introduzem as orações relativas, que são “os modificadores mais típicos do nome, e é particularmente importante o seu papel em restringir a extensão do conjunto por ele denotado, contribuindo assim, nos sintagmas nominais definidos, para a identificação do seu referente” (Raposo, et. al., 2013, p. 1103).

No entanto, não existe o conceito de pronomes relativos em chinês. Então, é uma tarefa essencial para os professores de português como língua estrangeira (PLE) explicar aos alunos chineses o que é pronome relativo e como é possível aprender bem esta noção gramatical sem haver interferência negativa da língua materna deles, o chinês. De um modo geral, os livros de gramática da língua chinesa introduzem para os leitores a ideia de atributo adnominal que inclui de facto os pronomes possessivos e relativos em português. Aliás, Li & Thompson (1989, p. 410) referem-se às chamadas “construções de oração subordinada adjetiva” em língua chinesa, as quais equivalem exatamente às orações relativas em português.

É através da análise contrastiva que podemos identificar os pontos semelhantes, até iguais, assim como os pontos diferentes que existem entre as duas línguas em causa. No entanto, às vezes, para evitar o menos possível a possibilidade de os aprendentes cometerem erros, podemos ainda adoptar o método de análise dos erros. Mas o objetivo é comum, como refere Girard (1975, p. 19): “tudo o que podemos fazer – e já é bastante –, é facilitar-lhe (ao aprendente) o processo natural da aprendizagem”.

1. Orações relativas em português

As construções relativas em português são construções de relativização caracterizadas pelo encaixe de uma frase noutra através da ligação de um relativo. As orações relativas têm as seguintes características:

- a) Presença de um relativo, precedido de preposição ou não;
- b) Presença de uma oração logo após o relativo, mas aparentemente incompleta;
- c) Formação de um SN através de articulação de um antecedente + relativo + oração aparentemente incompleta e o antecedente nem sempre está presente.

Assim, uma oração relativa constitui, de facto, uma parte do SN de todo o período, ou mais precisamente, serve de modificador do núcleo do SN que é representado aqui por antecedente da oração relativa, se tiver. Como modificador, a oração relativa desempenha a função de sintagma adjetivo (Sadj), é, portanto, designada também de oração adjetiva. A figura abaixo apresentada mostra bem a estrutura de uma oração relativa:

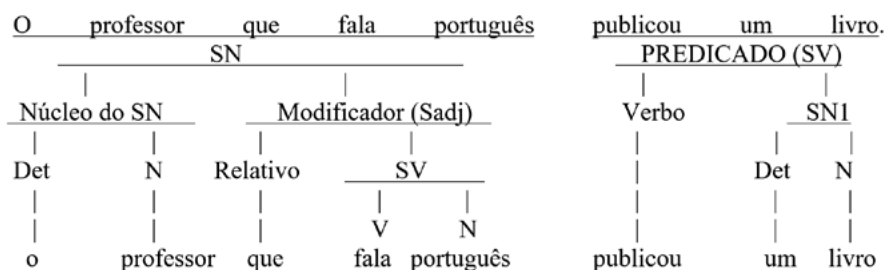


Figura 1 – Estrutura de uma oração relativa

1.1. Orações relativas com antecedente

Semanticamente, as orações relativas deste tipo são sub-divididas em dois tipos: as restritivas e as explicativas. As restritivas, como o próprio nome indica, limitam a significação do antecedente, são, portanto, indispensáveis ao sentido da frase e não se separam do antecedente por vírgula. As explicativas acrescentam uma qualidade acessória ao antecedente, explicando melhor a significação da frase. Como não são indispensáveis ao sentido da frase, separam-se do antecedente por vírgula. Sintaticamente, as explicativas funcionam como um aposto, daí vem a designação de apositivas em vez de explicativas e não apositivas em vez de restritivas.

Neste tipo de orações relativas, os pronomes relativos que introduzem as respetivas orações incluem *que*, *quem*, *cujo*, *onde*, *quanto*, *o qual*, entre outros, nas quais funcionam como sujeito, complemento direto, complemento indireto, predicativo, adjunto adnominal, adjunto nominal, adjunto adverbial, agente da passiva, etc. (Cunha & Cintra, 1984, p. 342-345).

1.2. Orações relativas sem antecedente

Os relativos *quem* e *onde* podem ser empregados como relativos indefinidos, quer dizer, sem antecedente expresso. E *que* e *quanto*, às vezes, também

podem ser considerados como relativos sem antecedente, o qual de facto existe internamente, mas pode estar oculto na frase. Este tipo de orações envolve pressuposição factual, hipotética ou ainda contrafactual, dependendo do modo do verbo que se usa.

2. Orações relativas em chinês

Embora não se encontre, em muitos casos, uma noção exatamente igual à oração relativa em português, pode-se verificar a forma semelhante da oração relativa em chinês. Vamos ver alguns exemplos de oração relativa traduzida para chinês:

- (1) (PT) A casa onde morei era velha.¹
 (CH) 我住过的房子很旧。
 (PY) wǒ zhù guò **de** fáng zi hěn jiù
 (TL) eu morar (passado) de casa muito velho
- (2) (PT) Quem tudo quer tudo perde.
 (CH) 要一切的人失去一切。
 (PY) yào yī qiè **de** rén shī qù yī qiè
 (TL) querer tudo de pessoa perder tudo
- (3) (PT) O colega que está em Macau vive muito bem.
 (CH) 在澳门的同事生活很好。
 (PY) zài ào mén **de** tóng shì shēng huó hěn hǎo
 (TL) estar em Macau de colega viver muito bem
- (4) (PT) O lugar que vou visitar amanhã é Taipa.
 (CH) 我明天去参观的地方是凼仔。
 (PY) wǒ míng tiān qù cān guān **de** dì fāng shì dàng zǎi
 (TL) eu amanhã ir visitar de lugar ser Taipa

Como já referimos e se verifica nos exemplos mostrados anteriormente, a situação em chinês quanto a pronomes relativos é um pouco diferente da que existe em português, porque não verificamos a presença de nenhuns pronomes relativos na tradução em chinês nos quatro exemplos, quer seja na respetiva oração relativa com precedente, quer seja sem precedente, os quais não existem na língua chinesa. Aliás, pode verificar-se que, em chinês, encontra-se em cada uma

¹ Os exemplos são dados em português (PT), em chinês (CH), em Pinyin (PY, pronúncia em chinês) e em tradução literal da frase para português (TL).

das 4 frases uma estrutura com a presença do marcador “的 (*de*)”, que pode ser considerada como oração adjetiva, que equivale à oração relativa em português.

2.1. Definição geral

De acordo com o linguista chinês Li Jinxi (1992), quando empregamos uma oração completa como um adjetivo, ou melhor, como uma expansão de adjetivo, podemos verificar a existência de uma oração adjetiva. Em chinês, o verbo é geralmente o organizador central de uma frase, portanto, tem que haver um verbo nesse tipo de orações adjetivas.

E conforme o linguista Xing Fuyi (1980), quando as estruturas VO, SP e VV servem como adjunto adjetival de um substantivo, pode-se considerar que essas estruturas funcionam como oração adjetiva que modifica o substantivo. Vamos ver mais pormenorizadamente essas três estruturas que Xing menciona:

a) VO: locução que conta com uma estrutura de relação verbo-complemento:

- (5) (CH) 写信的人
- (PY) xiě xìn de rén
- (TL) escrever carta de pessoa
- (PT) a pessoa que escreve a carta

b) SP: locução que conta com uma estrutura de relação sujeito-predicado (verbo):

- (6) (CH) 我做的功课
- (PY) wǒ zuò de gōng kè
- (TL) eu fazer de trabalho
- (PT) o trabalho que eu fiz

c) VV: locução que conta com a coordenação de um predicado auxiliar (verbo auxiliar) e um predicado comum (verbo principal, ou adjetivo):

- (7) (CH) 该带的东西
- (PY) gāi dài de dōng xi
- (TL) dever levar de coisa
- (PT) a coisa que se deve levar

Mas com o exemplo (5), se o substituirmos por

- (8) (CH) 写信的纸

(PY) xiě xìn de zhǐ
(TL) escrever carta de papel

já temos uma outra estrutura, porque desta vez, não se pode traduzir como “o papel que escreve a carta”, estrutura que corresponde literalmente ao original em chinês, resultando assim uma conclusão: o substantivo que é modificado pela estrutura VO deve ser ao mesmo tempo o sujeito do verbo.

E no exemplo (7), não há sujeito, podendo acontecer que o sujeito não esteja presente, ou porque já foi referido anteriormente, ou porque não precisa de ser mencionado, caso equivalente ao impessoal do português.

Um outro linguista chinês Lv Shuxiang (1982), quando explica a transformação da locução na frase e vice-versa, introduz-nos a ideia de relação subordinada, entre outras: quando a relação entre as palavras é de coordenação, o resultado será a construção de uma oração; quando a relação é de subordinação, será uma locução. Isto significa que a diferença entre a locução e a oração existe na maneira de ligação e não na quantidade de palavras com que se constroem. Por exemplo:

- (9) (CH) 来人
(PY) lái rén
(TL) vir pessoa
(PT) Veio a pessoa.
- (10) (CH) 来的人
(PY) lái de rén
(TL) vir de pessoa
(PT) a pessoa que veio

São ambas construções de poucas palavras, mas o exemplo (9) é uma frase tipo SV e o exemplo (10) é uma estrutura de relativo onde a palavra 的(de), como todas as vezes, constitui o marcador deste tipo de estruturas.

2.2. O marcador “的(de)”

O marcador “的(de)” pode ser empregado entre o atributo adjetival e a palavra principal e quando esse atributo adjetival tem um verbo essencial, “的(de)” introduz de facto uma oração adjetiva, ou seja, uma oração relativa. Assim, temos uma estrutura essencial de oração relativa em chinês, constituída por Verbo (o verbo pode ter sujeito ou complemento, mas não forma uma frase completa por-

que a parte que falta é exatamente o substantivo núcleo) + 的(de) + substantivo núcleo. Vamos ver os seguintes exemplos para perceber melhor:

- (11) (CH) 我的信
(PY) wǒ de xìn
(TL) eu de carta
(PT) a minha carta

Este exemplo não é uma oração adjetiva porque não se encontra nele nenhum verbo, mas o exemplo seguinte

- (12) (CH) 我写的信
(PY) wǒ xiě de xìn
(TL) eu escrever de carta
(PT) a carta que eu escrevi

já é uma oração adjetiva porque aqui há um verbo principal, constituindo assim uma frase completa do tipo SVO (ou SV) a modificar o substantivo que a segue.

De facto, este tipo de transformação é um processo de nominalização, quer dizer, quando a parte nominal de uma frase completa for posta no fim da frase e há um marcador, neste caso “的 (de)”, entre essa parte nominal e o resto da frase, temos uma oração adjetiva ou relativa que afinal serve como um substantivo.

2.3. Outros tipos de estruturas equivalentes às orações relativas

Em chinês, além da estrutura com o marcador “的(de)” que equivale à oração relativa em português, temos outros tipos de estruturas mais livremente expressas para indicar uma relação de modificação, como os seguintes exemplos mostram:

- (13) O professor que se chama João vem de Lisboa.
(13a) (CH) 名叫若奥的老师来自里斯本。
(PY) míng jiào ruò ào de lǎo shī lái zì lǐ sī běn
(TL) chamar-se João de professor vir de Lisboa
(PT) O professor que se chama João vem de Lisboa.
(13b) (CH) 老师来自里斯本, 名叫若奥。
(PY) lǎo shī lái zì lǐ sī běn míng jiào ruò ào.
(TL) professor vir de Lisboa chamar-se João
(PT) O professor vem de Lisboa e chama-se João.
(13c) (CH) 老师名叫若奥, 来自里斯本。
(PY) lǎo shī míng jiào ruò ào lái zì lǐ sī běn.

(TL) professor chamar-se João vir de Lisboa

(PT) O professor chama-se João e vem de Lisboa.

Vimos que nos 3 tipos de tradução do exemplo (13), o (13b) e o (13c), de facto, são duas frases separadas, embora ligadas com uma vírgula. Quer dizer, já não há uma relação muito estreita e íntima entre as duas partes de toda a frase, mas em chinês, usa-se muito este tipo de frases separadas de duas partes para expressar-se, equivalendo, porém, mais às orações relativas explicativas do português, as quais também têm uma certa maneira de expressão mais livre do que as orações relativas restritas. Às vezes, quando em português, a oração relativa que modifica o substantivo é muito comprida, em chinês e especialmente na linguagem coloquial, costumamos dizer a frase separando-a em duas partes ou mais para fazê-la parecer mais à chinesa, na qual não é muito aceitável uma estrutura longa de modificação pré-nominal.

2.3. Orações relativas sem substantivo núcleo

Tal como em português onde há um tipo de orações relativas sem antecedente, também em chinês, há orações adjetivas que não têm o substantivo núcleo expresso. Mas isso só acontece a algumas palavras que indiquem uma pessoa que faça uma coisa com frequência, ou como uma profissão. Neste caso, não é preciso mencionar o substantivo visto que toda a gente sabe que a palavra omissa será uma palavra que tem a ver com a pessoa que faz ou com uma coisa que pode ser percebida conforme a oração relativa. No entanto, podemos considerar que este tipo de estrutura é, na verdade, um tipo de orações relativas do chinês. Vamos ver um exemplo:

(14) (CH) 要饭的

(PY) yào fàn de

(TL) pedir comida de

(PT) quem peça esmola (a pessoa que pede esmola)

Neste exemplo, está omissa o substantivo núcleo, que é “a pessoa” ou “uma pessoa/pessoas”, mas dado que já toda a gente sabe que só é possível uma pessoa pedir esmola, não vale a pena repetir a ideia. E a tendência deste tipo de estruturas é considerada como um substantivo simplesmente porque muitas vezes tem a ver com a profissão de uma pessoa, como neste caso. Então, tal como em

português o tipo de pessoa que pede esmola se chama mendigo, também em chinês, o exemplo (14) refere-se mesmo ao mendigo apenas como um substantivo.

2.4. Estrutura abreviada da oração adjetiva

Enquanto em português, podemos dizer “Esta é uma montanha alta” em vez de “Esta é uma montanha que é alta”, em chinês também produzimos estruturas semelhantes.

Na oração relativa em português, quando o verbo é “ser”, “estar” ou outros verbos que indiquem a maneira de estar de uma pessoa ou de uma coisa, e o predicativo é um adjetivo, particípio ou outras palavras que tenham função igual à do adjetivo, quer dizer, função de adjunto adjetival, podemos omitir o pronome e o verbo ao mesmo tempo, restando apenas o predicativo que vai agora seguir diretamente o antecedente e funciona mesmo como um adjetivo.

Em chinês, embora seja um pouco mais complicado, é fácil perceber o conceito. Quando o predicado da oração adjetiva é um adjetivo de qualidade com apenas um caráter e é modificado por um advérbio (em chinês, um adjetivo de um caráter ou mais, quase sempre modificado por um advérbio, pode funcionar como verbo – predicado), podemos omitir o advérbio e o marcador “的 (de)” simultaneamente, como o seguinte exemplo mostra:

- (15a) (CH) 很高的山
(PY) hěn gāo de shān
(TL) muito alto de montanha
(PT) montanha que é muito alta.

No exemplo (15a), a oração adjetiva é constituída por um advérbio e um adjetivo de qualidade com apenas um caráter (高gao) e pode ser alterada para uma estrutura com apenas um adjetivo a modificar o substantivo núcleo como o exemplo (15b) mostra:

- (15b) (CH) 高山
(PY) gāo shān
(TL) alto montanha
(PT) montanha alta

3. Análise de erros aplicada no ensino do português aos aprendentes chineses no aspeto de orações adjetivas

Em oposição à análise contrastiva, que prediz as dificuldades dos aprendentes no estudo de uma língua segunda, ou de uma língua estrangeira, a análise dos erros foca, por sua vez, os erros cometidos pelos aprendentes na aquisição da língua estrangeira e é significativa para o professor, para o investigador e para o próprio aprendente.

3.1. Tipos de erro

Os erros existem, quer na aquisição da língua materna quer na de uma língua estrangeira, e podem existir durante a aquisição da pronúncia, do vocabulário ou da gramática. Por exemplo, no discurso normal de um adulto na língua materna, este pode cometer continuamente erros de todo o tipo, devido a lapsos de memória, ao estado físico, como por exemplo o cansaço, e às condições psicológicas, como a emoção forte. Às vezes, quando uma frase é muito comprida, o falante comete erros só por causa de negligência ou descuido. Estes erros são geralmente considerados como de tipo assistemático, os quais têm que ver com a performance. Mas temos também, em oposição a estes, erros de tipo sistemático, os quais têm que ver com a competência dos aprendentes.

3.1.1. Erros de interlíngua

Os tipos de erro, ou melhor, as causas da ocorrência de erros, são variadas de acordo com diferentes linguistas, mas a interferência da língua materna na língua alvo relaciona-se muito com os erros cometidos por aprendentes de uma língua estrangeira. Damos a este tipo de erros o nome de erros de interlíngua, quer dizer, que têm a ver com a interferência de uma língua que é diferente daquela que o aprendente está a aprender.

Contudo, nem sempre a interferência vem da língua materna, pode vir de uma língua estrangeira que o aprendente aprendeu antes ou está a aprender. Por exemplo, os aprendentes chineses de língua portuguesa, quando começam a aprender português, já têm um conhecimento bastante bom da língua inglesa. Por isso, às vezes, usam uma estrutura de inglês para expressar-se em português. Vamos ver um exemplo:

(16) *O homem eu vi ontem na rua é o pai do meu amigo.

Neste exemplo, o aprendente usa a estrutura em inglês, que conhece melhor do que a estrutura em chinês, sua língua materna. O pronome relativo “*that*” ou “*which*” em inglês, quando é objeto direto da oração relativa, pode ser omitido. Mas em português, não há este tipo de emprego do pronome relativo “que”, que equivale mais ou menos ao “*that*” ou “*which*” em inglês.

A língua materna de um aprendente tem, obviamente, pontos semelhantes aos da língua estrangeira e também pontos diferentes. Então, alguns aprendentes tentam, muitas vezes, por um lado, usar a estrutura da língua estrangeira, que é muito semelhante ou quase igual à da língua materna, e, por outro, não usar ou usar o menos possível a estrutura que é muito diferente da da língua materna, para evitar erros. Por exemplo, no âmbito dos pronomes relativos que não existem em chinês, uma frase em português como *Chegou um professor de Portugal, cujo nome é Paulo*, pode nunca ser dita por um aprendente chinês, e em vez disso, é mais frequente o uso de duas frases separadas, como o modelo em chinês: *Chegou um professor de Portugal e o nome dele é Paulo*. Quer dizer, após a explicação ou o ensino sistemático do professor aos aprendentes sobre o emprego dos pronomes relativos em português, os aprendentes podem não ter dificuldades na compreensão das orações adjetivas, mas sim, ter dificuldades ou até medo de produzir este tipo de orações.

3.1.2. Erros de intralingua

Além dos erros de interlíngua, os aprendentes de uma língua estrangeira também podem cometer erros que são causados pela complexidade desta língua estrangeira, no aspecto da pronúncia, da gramática e do vocabulário. Neste âmbito, aprendentes que são de origem diferente podem cometer erros do mesmo tipo porque, agora, o problema está dentro da língua estrangeira e não da língua materna que cada um deles fala.

Richards (1980: 174-181) resume este tipo de erros de maneira seguinte:

3.1.2.1. “Over-generalization”

Generalização excessiva: que envolve em geral a criação de uma estrutura errada em vez de duas regulares e nela há instantes em que o aprendente cria a estrutura errada na base da sua experiência de outras estruturas na língua alvo, como por exemplo:

(17) *Os homens *ques* falam português são meus professores.

Neste exemplo, verifica-se que o aprendente já tem um certo conhecimento da flexão do substantivo e do adjetivo que o modifica no aspeto do género e sobretudo do número, então, acrescenta um “s” depois de “que” para indicar que esse “que” é um modificador do substantivo que o antecede. Mas não sabe que os pronomes relativos em português, além de “o qual”, “cujo” e as respetivas formas destes, não mudam de género nem de número. Portanto, cria a estrutura errada conforme a sua experiência anteriormente adquirida.

(18) *A menina *cuja* cabelo é comprido é irmã do Luís.

Neste exemplo, o aprendente sabe que o pronome relativo “cujo” tem uma forma feminina, contudo, ignora que o substantivo a que “cujo” tem de corresponder quanto ao género é o que está depois de “cujo”, sendo “cujo” tanto um pronome que liga o antecedente e a oração relativa como um adjetivo que modifica o substantivo que aparece depois dele. Então, o género de “cujo” não está dependente do género do antecedente da oração adjetiva.

3.1.2.2. Ignorância de restrições de regras

Aplicação de regras aos contextos onde não se aplicam. Por exemplo, depois de o professor ter explicado ao aprendente que “quem” se refere a pessoa(s), o aprendente pode produzir assim:

(19) *Não conheço o homem *quem* está a falar com o meu pai.

O aprendente não presta atenção à restrição de regra ao emprego de “quem”, que é geralmente antecedido por uma preposição. Mas, mesmo depois de isso ser explicado pelo professor, o aprendente comete ainda erros como:

(20) *Não conheço o homem *a quem* está a falar com o meu pai.

Desta vez, o aprendente já sabe que antes de “quem” deve haver uma preposição, mas essa preposição tem a ver com o verbo da oração relativa. Se o verbo não exige nenhuma preposição ou já tem uma preposição na oração, não é preciso pôr mais nenhuma preposição antes de “quem”, substituindo assim “quem” por “que”.

(21) *O homem *em quem* se referi está em minha casa.

Se o verbo da oração relativa exige a preposição “a”, o aprendente comete um erro pondo “em” antes de “quem”.

(22) *A Universidade *onde* está no norte da cidade foi fundada em 1950.

Uma vez que o aprendente saiba que o pronome relativo “onde” indica um lugar, usa esse pronome sempre que este aparece depois de um substantivo de

lugar. Só está correto parcialmente porque, para usar “onde”, esse pronome tem de ter uma função de complemento circunstancial na oração relativa. Neste caso, como falta um sujeito a esta oração, temos de selecionar um pronome que pode desempenhar a função de sujeito, que é “que”.

3.1.2.3. Aplicação incompleta de regras

O erro da estrutura representa o grau de desenvolvimento de regras requeridas para produzir discursos aceitáveis, como por exemplo, quando o professor manda o aprendente explicar “*O que é poluição*”, ele pode estar com a intenção de que este responda com uma estrutura do tipo “*É um fenómeno que ...*”, a fim de fazer o aprendente praticar a estrutura de oração relativa que acaba de ser aprendida, mas o aprendente, responde assim: “*A poluição é causada pela sujidade*”, etc.

3.1.2.4. Falsos conceitos hipoteticizados

Richards (1980) fala ainda no aspeto de falsos conceitos hipoteticizados, como por exemplo, depois de saber que “que” é marca de orações adjetivas, usa-se sempre este pronome para construir orações adjetivas:

(23) *Este é o lugar *que* nasci.

Neste exemplo, verifica-se que o aprendente tem um conceito hipoteticizado de pensar que o pronome “que” serve sempre para introduzir uma oração relativa e de facto, para indicar um lugar, precisa-se de usar o pronome “onde”.

3.2. Correção dos erros cometidos

Depois de cometer erros, o aprendente, o que é que vai fazer? E o papel do professor/ensinante, qual será?

Com o método clássico, o aprendente pode ser criticado, até ser punido, se cometer um erro ou erros, porque o ensinante que segue este método controla totalmente a aula. Portanto, o aprendente aprende uma língua quase “morta” em comparação com a língua viva, que, hoje em dia, a maioria dos ensinantes segue, ou melhor, que é aconselhável que todo o ensinante siga.

Com o método direto, a situação da aula melhora bastante. Na aula, o aprendente repete uma estrutura, oralmente em especial, até fixar, e quando cometer erros, o ensinante dá indicações de como corrigi-los na língua estrangeira que aquele está a aprender e espera até atingir o resultado ideal – os erros são auto-corrigidos. E os exercícios que o aprendente faz não são frases artificiais ou inven-

tadas, mas sim, têm a ver com a vida real, numa situação de comunicação e, às vezes, o ensinante pode só fazer perguntas ao aprendente para este responder com a estrutura que acaba de ser aprendida com a finalidade de que este fixe na memória essa estrutura aprendida.

4. Considerações finais

Em todas as situações de ensino, tem que haver um aprendente motivado, um ensinante bem formado e um método adequado para que o processo de aprendizagem corra com sucesso. E para o ensino de uma língua estrangeira como a língua portuguesa aos aprendentes chineses no âmbito das orações relativas, a análise contrastiva e o método de análise dos erros podem contribuir para uma melhor aprendizagem. Essas duas análises podem funcionar independentemente, mas se combinarmos os dois métodos, podemos obter um resultado efetivo para reduzir os erros que os aprendentes vão cometer ao longo do processo de aprendizagem da língua estrangeira.

Referências bibliográficas

- Cunha, C. & Cintra, L. F. L. (2005). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Girard, D. (1975). *Linguística aplicada e didáctica das línguas*. Lisboa: Editorial Estampa, Lda.
- Li, C. N. & Thompson, S. A. (1989). *Mandarin Chinese*. Oakland: University of California Press.
- Li, J. (1992). *Nova gramática do chinês*. Beijing: Commercial Press.
- Lv, Sh. (1982). *Gramática resumida da língua chinesa*. Beijing: Commercial Press.
- Richards, J. C. (Org.). (1980). *Error analysis, perspectives on second language acquisition*. London: Longman Group Limited.
- Raposo, E. B. P. et. al. (Org.). (2013). *Gramática do português, Vol. 1*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Xing, F. (1980). *Lições de gramática moderna do chinês*. Wuhan: Hubei Popular Press.
- Zhao, Y. (1979). *Gramática do chinês coloquial*. Beijing: Commercial Press.